

DESDE QUE FOI FORMADO, O LAGO PARANOÁ JÁ DIMINUIU 2,7 MILHÕES DE METROS QUADRADOS, O QUE CORRESPONDE A 213 CAMPOS DE FUTEBOL. A OCUPAÇÃO URBANA E A DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE SÃO RESPONSÁVEIS PELA REDUÇÃO DO ESPELHO D'ÁGUA E PELO ASSOREAMENTO

Kátia Marsicano
Da equipe do Correio

Uma convivência de 41 anos ameaçada. De um lado, o homem. Do outro, o Lago Paranoá que, em 1959, foi criado para deixar a vida da população de Brasília agradável e bela. Ao mesmo tempo em que a cidade nascia, ele era formado, com cerca 40 quilômetros de área e 13 metros de profundidade. Era a marca que faltava na escala bucólica da cidade desejada por Lucio Costa.

Hoje, as águas que avançavam em direção à cidade recuam diante da ocupação urbana, do mau uso dos córregos, da degradação ambiental. Se durante mais de dez anos foi contaminado pelo esgoto, agora o Paranoá sofre os efeitos dos córregos que o compõem e de onde vêm 35% do abastecimento de água de Distrito Federal. O assoreamento é o seu maior inimigo.

Por conta disso, desde o ano passado técnicos e especialistas estão trabalhando na elaboração do livro *Sustentabilidade Ambiental do Lago Paranoá — Um olhar no ano 2000*, que fica pronto mês que vem e servirá de subsídio para a implantação de um comitê de gerenciamento da bacia hidrográfica do Paranoá da Secretaria de Meio Ambiente (Semarh).

A idéia, segundo o coordenador do projeto, Fernando Fonseca, é diagnosticar os problemas que têm comprometido o lago até mesmo no tamanho. Atualmente, ele é 2,3 milhões de metros quadrados menor do que era (o correspondente a 213 campos de futebol). De acordo com levantamento sobre os tipos de ocupação do solo na bacia do Paranoá (uma área total de 16.200 hectares), 5.147 hectares são espaço urbano e 665 hectares de solo exposto e áreas degradadas, com tendência a aumentar de tamanho, caso não haja controle sobre a criação de novos setores habitacionais na região.

A bacia é toda a área onde localizam-se os riachos, ribeirões e córregos que ajudam a formar o Lago Paranoá. Ela é composta por mais de trinta deles, entre os quais o córrego Vicente Pires, Olhos D'Água da Cruz, Arniqueira, Barriguda, Capetinga, Jervá, Taquara e Bananal.

E mais: grande parte dos córregos e ribeirões formadores do Paranoá também sofreram — e continuam sofrendo — assoreamento. Estima-se que os prejuízos, principalmente nos ribeirões do Torto, Bananal, Riacho Fundo e Gama, cheguem a 12,7 milhões de metros quadrados (1.176 campos de futebol). O

córrego Riacho Fundo, no trecho que passa dentro do Santuário da Vida Silvestre, por exemplo, é uma amostra: cadeiras, pedaços de madeiras e pneus velhos jogados inconseqüentemente pela população são arrastados pelas águas.

Nessa mesma área da sub-bacia do Riacho Fundo está a maior concentração de áreas degradadas. Pelo menos dez já foram listadas: o Setor Placa da Mercedes (atingido pelas erosões no Núcleo Bandeirante), Águas Claras (Taguatinga), Proflora (onde fica uma imensa cascalheira), aterro do Jóquei (Lixão), Colônia Agrícola Arniqueira, Parque e Reserva do Guarã, Parque das Aves (no final da Asa Sul) e Granja do Ipê (Park Way).

A preocupação com essa sub-bacia é por conta da localização de córregos importantes para o Paranoá, como o Cabeceira do Valo, Cana do Reino, Vicente Pires (a nascente dele fica na invasão da Estrutural), Riacho Fundo e Guarã (que 2 km depois da nascente está praticamente sem oxigênio, fundamental à manutenção da vida aquática). E o problema pode aumentar, ainda mais agora que estão previstos para esse local novos adensamentos populacionais (como o que pretende fazer o governo do DF, no Setor de Mansões Park Way, dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) Gama/Cabeça de Veado). Em toda a área, concentra-se uma população de cerca de 700 mil habitantes, que não pára de crescer.

HISTÓRIA COMPLICADA

Mas, os problemas vêm de muito tempo. Desde a época em que recebeu esgoto doméstico, o Lago Paranoá foi acumulando uma camada espessa de lodo no fundo. Técnicos garantem que são nada menos que três metros de camada de pura sujeira — composta de nitrogênio e fósforo, parte do cardápio das tilápias, a maior população de peixes do lago.

Segundo a bióloga Cristine Cavalcanti, da Seção de Análises Biológicas da Companhia de Saneamento de Brasília (Caesb), apesar de todos os problemas que tem enfrentado, o Lago Paranoá melhorou muito no que se refere à qualidade de água. Para limpar a água, foram investidos nada menos que US\$ 250 milhões. “Mas se a ocupação desordenada não terminar, esse trabalho todo terá sido em vão”, adverte ela. Cristine foi uma das colaboradoras no capítulo escrito pelos técnicos da Caesb, para o livro *Sustentabilidade Ambiental...*, da Semarh.

ONDE ESTÁ O ESTRAGO

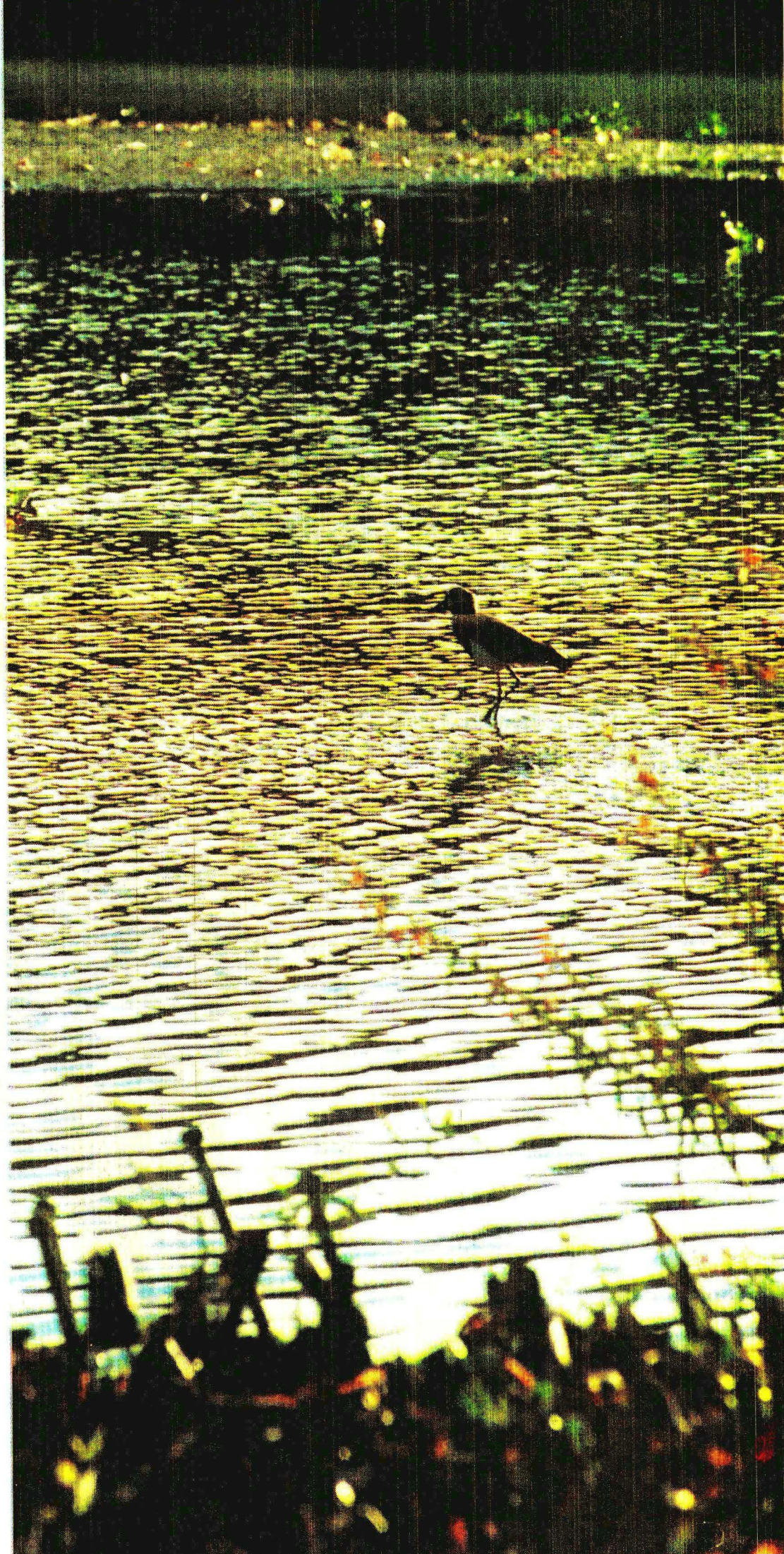
A bacia do Paranoá é a única totalmente dentro do DF e uma das que mais sofrem com a ocupação desordenada do solo



Áreas degradadas

- 1 Placa da Mercedes
- 2 Águas Claras
- 3 Proflora
- 4 Aterro do Jóquei
- 5 Colônia Arniqueira
- 6 Parque do Guarã
- 7 Reserva do Guarã
- 8 Parque das Aves
- 9 Erosão do aeroporto
- 10 Granja do Ipê

ANTES QUE SEJA TARDE



O ASSOREAMENTO ESTÁ MATANDO O LAGO PARANOÁ, QUE JÁ ACUMULA MAIS DE TRÊS METROS DE SUJEIRA NO FUNDO

BACIA DO PARANOÁ

Em hectares

RADIOGRAFIA

Área	16.200
Espaço urbano consolidado (32%)	5.147
Área degradada (4%)	665
Campo (27%)	4.457
Cerrado (21%)	3.300
Floresta urbana (4%)	618
Mata de galeria (11%)	1.923
Reflorestamento (1%)	90
Lago Paranoá	3.858

Perímetro do lago

111.869 metros

A profundidade máxima do lago Paranoá está em torno de 40 metros

População em toda a Bacia do Paranoá: cerca de 700 mil habitantes

Fonte: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh)

MAIS CUIDADOS

Para a pesquisadora Mônica Veríssimo, do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, todos os lagos têm um final. “Naturalmente, um dia deixam de existir, mas, no caso do Paranoá, é fundamental preservá-lo para que não termine antes do que deveria”, diz ela, lembrando que, por ser artificial, requer muito mais cuidados que os naturais. Segundo ela, a vida média de um lago depende do que acontece no seu entorno e do tratamento dado aos seus rios e córregos formadores. A degradação ambiental é o que mais influencia a extensão da vida de um lago.

O livro sobre o Paranoá não pretende ser apenas para especialistas. Pelo contrário. Apesar de reunir 15 mapas diferentes, se propõe a contar toda a história do lago e destina-se também aos estudantes. O sonho da mudança da capital, os primeiros registros desde o Brasil Império, passando pela República, a Missão Cruls e o Relatório Belcher, as obras da barragem do Paranoá e o canteiro de obras que virou cidade — vai tudo para o livro.

Para quem tem um jeito particular de ver o Paranoá, a União de Amigos do Lago (UAL) está promovendo um concurso especial de fotografias. E vale tudo: amador ou profissional. O importante é retratar o lago. “É preciso conscientizar as pessoas sobre o que está acontecendo com o Paranoá, que está sendo erodido, ocupado, destruído, contaminado”, diz o presidente da ong, engenheiro Carlos Moura. As fotos premiadas vão ser incluídas no livro.

SERVIÇO

Concurso de fotos: inscrições até 1º de setembro, na Secretaria de Meio Ambiente. Informações: 340 3806. Categorias profissional e amador. Premiação para cada uma das categorias: R\$ 3 mil (1º lugar); R\$ 1.500,00 (2º) e R\$ 500,00 (3º).